



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros),	48000
OTTO MEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros),	25000
NUMERO AVULSO,	1000
SUPPLEMENTO,	500
NUMEROS ATRAZADOS,	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS,	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 13 de Junho de 1895.

N. 6

## O CASO D'ESTA SEMANA

**F**ALA-SE ainda, que farte, de Novelli e dos seus muitos papeis, genialmente interpretados. Mas, até agora, mesmo sem exclusão de Shylok, o papel em que o grande Ermete mais tem arrebatado a platéa do *Lyrice*, é o de Luiz XI, o sinistro rei amo e amigo de Comines, que se encarregou de lhe historiar a vida.

Ha quem pense que Casimir Delavigne carregou um pouco as tintas de que se serviu para, no drama, nos pintar a tremenda personalidade d'esse rei extravagante. De facto, um dos mais vibrantes escriptores deste seculo, Paul de Saint Victor, deus do estylo e princepe da critica, rehabilitou, perante a Historia, o real filho de Carlos VII.

A *Cigarra* quiz, no interesse dos seus muitos milhares de leitores, elucidar esse ponto, e decidir se, realmente, Luiz XI foi aquelle monstro, meio macaco e meia hyena, que Delavigne sonhou e Novelli interpreta.

Pois bem. Depois de aturados estudos, chegámos á conclusão de que a criação de Delavigne é perfeita e a interpretação de Novelli é magistral:

Luiz XI foi aquillo mesmo!

E sabeis porque, cidadãos?

— Porque n'aquelle tempo ainda não tinham sido descobertas as maravilhosas aguas de Caxambú, que, regularizando as funcções digestivas, influem beneficentemente sobre o moral. Se Luiz XI frequentasse a *Casa Postal*, rua do Ouvidor, n. 78, deposito de aguas de Caxambú, dos admiraveis charutos Pedro Murias, perfumarias, e objectos de *toilette*,— outro teria sido o seu caracter, como homem e como rei. Abençoada Casa Postal! Abençoados Miguel Lopes & Irmão!

CONDE... DE MONTE CHRISTO

**FORMIGAS**





Creio que n'este contracto tacito que fizemos, eu e o publico, ficou-me o direito de escolher á vontade os assumptos, não?

Ora bem! Quero hoje, com uma gravidade de juriconsulto, occupar esta pagina com uma centena de linhas ponderosas, em que se discuta o complicadissimo caso das Faculdades Livres de Direito. E' devo, antes de tudo, revelar um segredo, — magua occulta que me rõe a existencia, carcinoma hediondo que, dia a dia, se apossa das mais secretas, das mais profundamente reconditas fibras do-meu ser.

\*\*\*

A principio, em menino, o titulo de Doutor me sorria no futuro, como uma esperanza e uma gloria. Os Hebreus, no captiveiro, *sobolarios que vão por Babylonia*, não sonhavam com equal febre a doce Terra Prometida, a maravilhos Chanaan em que, para lenir as amarguras do longo exilio, deveriam achar deliciosos riachos de leite e de mel.

Quando um medico passava por mim, os meus olhos de creança comiam a pedra verde, a grande esmeralda que elle trazia ao dedo, dentro de um circulo de brilhantes, n'um aro grosso, em que duas cobras se enlaçavam. Depois, ai! de mim! perdi a esperanza...

O mestre Machado de Assis tem um conto, em que a esperanza do protagonista, que vai pedir dinheiro a um amigo, vae descendo e minguando, desde a fabulosa quantia de vinte contos até a ninharia de cinco mil réis. E o mestre explica como a ambição do misero, — aguia altiva em começo, roçando com as azas os cumes dos mais altos desejos, se transformara tristemente n'uma pobre franga rasteira, mariscando e bicando a estrumeira de um quintal.

Assim eu. Do ardente desejo de ser doutor, desci ao mais modesto, mas não menos ardente desejo de ser bacharel. Oh! simples bacharel, sem borla, sem capello, sem theses, mas com annel! mas com diploma! mas com titulo! mas com canudo!

E ahi vieram outra vez as complicações da vida, e outra vez me esfarraparam o sonho. Ir a S. Paulo ou ao Recife, que desarranjo! Cursar cinco annos uma Academia, que loucura! — Com que dinheiro comeria eu, durante esse tempo todo?...

Cheguei a pensar em ser um simples rábula, um humilde procurador de causas... Ha muita gente que tem subido ás mais altas posições, não sendo outra cousa... Mas houve uma revolta na minha vaidade: rábula não é titulo digno! ainda se soasse bem ao ouvido!...

E acabei por, desconsolado, abandonar o meu sonho: deixei-o finir-se como um phytisco, pouco a pouco, á feição de uma candeia que se apaga á mingua de azeite.

\*\*\*

Mas um dia, abrindo um jornal, tive um sobresalto que me estreceu o coração dentro do peito. O governo approvára os estatutos de uma Faculdade Livre de Direito, instal-

lada aqui mesmo, nesta cidade, dentro da circunferencia em que se agitam os meus interesses, os meus negocios, os meus amores, os meus prazeres, as minhas obrigações... Dei vida nova ao meu sonho, levantei-o como um Lázaro do fundo da cova da desillusão, dei-lhe um banho de sol e de fé. E deliberei fazer-me bacharel.

Apenas, não quiz ser o primeiro. Esperei que outros passassem antes de mim. Foi o meu grande erro. A modestia em que me tenho imbecilmente embrulhado tem sido a causa mais séria dos meus desgostos. As violetas, com a sua humildade, escondidas no tapiz anonymo da relva, estão expostas a todas as injurias do tempo e da creação: não ha bota de homem que as não esmague sem piedade, como não ha gato que não esguiche sobre ellas uma injuria liquida. Ao passo que as palmeiras, arrogantemente levantadas no ar, affrontando as estrellas com empafia, zombam dos proprios temporaes, e riem, como mulheres esbeltas e vaidosas que são, dos homens e dos bichos que andam cá por baixo... Ai! eu ainda hei de morrer, não de molestia, mas de modestia, — uma vez que não ha meio de tirar da alma este grande defeito...

\*\*

Assim, esperei. E comecei, com cuidado, a indagar do que se passava no interior da Faculdade Livre. E vae, de repente, apparece outra Faculdade, tambem Livre e tambem de Direito. Desconfiei: era esmola de mais para um pobre tão pobre...

Mas, começaram a sahir dellas duas bachareis a granel, como uma ninhada de ratos. Não havia semana em que as duas fecundas escolas não atrassem ao Fóro quatro duzias de homens formados.

\*\*

Conheci um moço que ganhava a sua vida como caixeiro de botequim. Travei relações com elle, um dia em que me veio pedir, com interesse, que lhe escrevesse uma carta á familia:

— Então, não sabe escrever?

— Nem ler.

Escrevi a carta, assombrado de tão espantosa falta de instrucção, e passei um anno sem vêr o meu conhecido. Ao cabo d'esse anno, fui ao jury e vi-o, na tribuna da defeza, agitando gravemente no ar a mão espalmada, em cujo indicador fuzilava um formoso rubi. Houve um desmoronamento dentro de mim. Que era aquillo, Deus de Misericordia? Esperei que o homem acabasse a sua arenga, vi-o descer da tribuna, abraçado e felicitado por varios collegas, e aproximou-me:

— Então? formou-se?

— E' verdade! custou-me um pouco, mas emfim...

\*\*

Depois, uma senhora do meu conhecimento, mãe de varios filhos pequenos, disse-me um dia:

— Olhe: Este é o mais velho, tem dez annos. Quero vêr se aos doze está formado em direito...

Todas estas cousas calavam profundamente no meu espirito, e dentro d'elle germinavam. Não quiz perder mais tempo, e animei-me.

Então, começaram a apparecer nos jornaes umas noticias mysteriosas: «Consta que nos relatorios dos fiscaes das Faculdades livres fazem-se graves revelações» ou «diz-se que o sr. ministro do interior vae providenciar para que se cumpram á risca os estatutos das faculdades livres», ou etc., etc.

Revelações graves?

E sahi á cata de informações. Que horriveis, que indesculpaveis irregularidades se podem dar dado no governo d'aquellas machinas de fazer bachareis?

Versões desencontradas choveram sobre a minha alma anciosa. Nada apurei. O que sei é que receio e sinto no ar uma catastrophe. Vida minha! se fecham as faculdades livres, onde irei adquirir o cubicado diploma?

Ha quem diga (é esta a versão mais corrente) que o curso de sciencias sociaes e juridicas se faz alli tão á pressa, que varios concidadãos já se têm formado no curto espaço de tempo que vae, n'um dia só, do almoço ao jantar. Mas onde o inconveniente d'isso? Eu já vim de Ouro Preto aqui em 14 horas, porque vim pela estrada de ferro. Tiradentes

veio em mais de dois mezes, porque veio a pé. Deixamos por isso de fazer a mesma viagem?

Objectar-me-ão que, com essa espantosa celeridade, uma creança de mamma viverá brevemente no collo materno com um rubi de bacharel ao dedo. Que tem isso? Ha tantos casos de precocidade!... Olhem: Goethe escreveu o *Fausto* aos vinte annos. Pascal, o profundo — tão profundo, que acabou vendo sempre aberto deante de si um abysmo que era talvez a imagem da sua propria profundidade,—Pascal, aos doze annos, era um grande mathematico; aos dezeseis, escreveu o *Tratado dos conicos*; aos dezenove descobriu que a natureza tem horror ao vacuo... Isto é Historia, meus senhores: está no *Larousse*, que é a fonte anciã e respeitavel da minha erudição.

Que inconveniencia pôde haver em que o Rio se encha de advogados-meninos?

Seja tudo pelo amor de Deus! o que ha é que, lá no alto, no livro do Destino, está escripto que eu nunca serei bacharel! Morrerei virgem desta investidura gloriosa...

No Lyrico A saída do "Inventor de Vinte e Quatro"

Fantasio.



Um bello partido! O doti todo um libras...

De carne? Convinha-me a rapa se ainda houvesse  
Stylohs.

## A CIGARRA

—Ballada—

No proximo numero (n. 7) vamos fazer aos leitores d'*A Cigarra* um presente régio. JULIO REIS— o notavel musico brasileiro— compoz expressamente para a nossa folha uma delicadissima BALLADA PARA PIANO.

Esse trecho musical, que é uma das mais bellas producções do fecundo talento de JULIO REIS, vae, estamos certos, popularisar-se. Prepare-se o Rio de Janeiro para admirar-o, e convença-se de que *A Cigarra* é a mais bella, a mais luxuosa, a mais artistica revista das duas Americas e do resto do mundo.

## Terra rima

I

NOITE ainda, quando ella me pedia,  
Entre dois beijos, que me fosse embora,  
Eu, com os olhos em lagrimas, dizia:

« Espera ao menos que appareça a aurora!  
Que suave calor ha no teu ninho,  
E que treva e que frio ha lá por fóra!

Como queres que eu vá, triste e sósinho,  
Casando ao frio e á treva do meu peito  
A treva e o frio que ha pelo caminho?...

Ouves? é o vento... é um temporal desfeito...  
Rugem bategas de agua... Tem piedade!  
Exilado da alvura do teu leito,

Succumbirei de amor e de saudade!  
Espera! até que o dia resplandeça,  
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu collo deixa-me a cabeça  
Repousar, como ha pouco repousava...  
Amemos-nos! Espera que amanheça!

E ella abria-me os braços. E eu ficava.

II

JÁ manhã, quando ella me pedia  
Que do seu claro corpo me affastasse,  
Eu, com os olhos em lagrimas, dizia:

« Que pressa a tua! olha a manhã que nasce!  
Como queres que o amor que nos transporta  
Se ostente á vista de quem quer que passe?

Ah! não me digas que isso pouco importa!  
Que dirão todos, vendo-me apressado,  
Tão cedo assim sahir a tua porta,

— Vendo-me exausto, pallido, cançado,  
E todo pelo aroma do teu beijo  
Escandalosamente perfumado?

Não assoalhemos este amor sem pejo!...  
Espera! Até que o sol desapareça,  
Beija-me a bocca, mata-me o desejo!

Sobre o teu collo deixa-me a cabeça  
Repousar, como ha pouco repousava...  
Amemos-nos! Espera que anoiteça!

E ella abria-me os braços... E eu ficava.

Olavo Bilac



# Santo Antonio



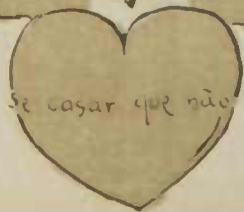
GRATIDÃO DE VICENCIA AUGUSTA 1865

GRATIDÃO DE QUITERIA LILLI

GRATIDÃO DE GERTRUDES L. - A S<sup>o</sup> ANTONIO Por ter concedido um genro.

Oração para homens.

S<sup>o</sup> Antonio, permiti que eu não case, se casar que não oseeja, se o for que o não saiba, e se o souber...  
peção me fale P.N.A.M.





# THEATRO LYRICO



OLGA GIANNINI





Mas, n'um dia, tia Michaela veio, ella propria, recebeu á entrada. O Jerónimo parou, surprezo, indagando com os olhos. E tia Michaela explicou o que havia.— « O Leopoldo, aquelle magrinho, que estivera lá no dia dos seus annos... Ah! não conhecia? Pois, coitado! Fôra-se... Bexigas! — « Bexigas! — « E' verdade; bexigas! » Era o sexto, n'uma semana. O Jerónimo estremeceu de terror; dominou-se, porém. « Mas, e a Margaridinha? » Tia Michaela tranquillizou-o. Estava no sitio do Leopoldo. Fôra pela manhã, para ajudar a gente de casa. Era preciso haver lá quem tivesse um bocado de sangue-frio. Os outros, coitados! tinham perdido a cabeça. O Jerónimo despediu-se: voltaria depois.— « Sabbado, ella já ha de estar ahí. Tenha paciencia! » Teria paciencia. E foi embora. Luzes brilhavam longe. Anoitecia. O Jerónimo levava como um presentimento no coração.

Não voltou mais. A Margaridinha chegou logo na sexta-feira, á tarde. Esperou-o até alta noite. Nada. Esperou-o no sabbado, dia inteiro, noite inteira. Nada. Apenas, n'aquella noite lugubre, tia Michaela veio da rua, a chorar. Talvez chegasse no domingo. Esperou-o. Rompeu o sol; veio a tarde, frigida tarde de inverno. E nada. A Margaridinha esperava á porta, apoiada á cancella.

Nuvens pardacentas iam-se amontoando pelo céu. Pe-neirava um chuvisco. E, subito, do alto, d'entre barrancos, aos solavancos, pelo tortuoso caminho, — violentamente puxada por duas bestas e forcejando por ganhar a estrada, branca de areia—surdiu uma antiga, uma arruinada caleça, sem toldo. De um a outro lado, sobre os assentos, estremecia, oscillava um caixão. Oleados resguardavam-n'o do tempo. E, logo atraz, vinham a galope dois cavalleiros.

O céu fez-se mais negro. Chovia agora. A Margaridinha sentiu que alguma cousa se lhe enroscava no coração. Era como uma cobra má que o tivesse agarrado de subito.

Estalava o chicote no ar. O carro galgou a estrada, de um pulo. As rodas chiavam na areia, rapidas, ao rapido trote das bestas. Homens descobriam-se ao vél-o. E tia Michaela, que vinha a entrar da rua, ajoelhou-se religiosamente.

— Coitado do Jerónimo! — disseram na casa vizinha.

A Margaridinha apolou-se mais á cancella:

— Ah! meu Deus! — soluçou, dolorosa, angustiadamente.

Só. Faltava-lhe o chão. A' garganta subiam-lhe, n'um bolo, toda aquella magua, toda aquella agonia, toda aquella dôr. O carro passou. Do caixão mal fechado, evolava-se, ficava um máo cheiro espalhado pelo ar.

— Siá dona, reze por elle! — gritaram.

Chovia mais forte. Lagrimas rebentavam em fio, das arvores, sobre a areia. A Margaridinha ficou, apoiada á cancella, com um tremulo, nervoso rictus nos labios, sem se rir, sem chorar, sem chorar, sem se rir...

*Pedro Rabello*

O trecho de prosa de Pedro Rabello, que hoje publicamos, pertence ao seu livro *Alma alheia*,—que será dentro em breve tempo exposto á venda.

## A SOMBRA DO AMOR

Philetas, o bom velho, sou eu, meus filhos, eu mesmo, que muitas arias cantel para essas nymphas e fiz, não poucas vezes, soar a fructa aos ouvidos deste deus Pan que aqui está. Grande armento dantes apascentei, e agora o que alhures vi e ouvi contar-vos venho. — LONGUS.

« — Os laranjaes cobriam-se de flores, disse Philetas ao casal que o ouvia attento, os laranjaes cobriam-se de flores. Vós que andaes entre ramas e silvados deveis saber das estações pelas flores—quando a anemona desabrocha é o viçoso tempo da colheita, e, se as abelhas cercam as laranjaes, dizeis sorrindo — é primavera.

Os laranjaes cobriam-se de flores, quando, por um caminho desses montes, fui levando, a cantar, os meus bois mansos. Por entre a murta alpestre avenas concertavam, e d'uma banda e d'outra da ribeira, que esparze o choro das nymphas prisioneiras, baliam bandos de carneiros alvos.

Moço e árdego, mas, nesse tempo, namorado, subi ás penhas crespas para olhar o vilar em que vivia quem me fazia andar compondo idyllios — e foi junto á caverna de um zagal, no hirsuto monte, que ouvi contar o que vos conto agora. Pegureiros havia nesse tempo que se travavam longos dias em desafios lyricos — qual descantava os olhos da pastora formosa, qual descrevia as scenas da aldeia natal; um desfazia em eglogas saudades e amores, outro narra fabulas heroicas. Mas o que ides ouvir ouvi de um velho que sabia, de cór, cantos de aédos e repetia silvos de rapsodos. Eis o canto que ouvi no crespito monte:

« Tinham os deuses prados e montanhas; nos rios claros nayades moravam; nereidas glaucas viviam no mar verde e nos carvalhos dos bosques hamadryadas; flores, ninhos, cavas, brenhas, tudo tinha o seu deus patrono e amigo; sómente o coração sem deus ficara. Jupiter, commiserado, fez que nascesse o amor da Formosura.

E Amor nasceu formoso.

Reuniram-se os deuses junto ao berço, e cada qual fez presente ao deus nascido de um dote precioso.

Será eternamente infante, disse Jupiter. E o Amor, filhos meus, nunca envelhece.

Que differença vai de uma namorada a uma criança, filhos meus? que diz, que faz, que pensa o namorado? balbucia, beija, e sonha, e outra idéa não tem que amar não seja... e quantas loucuras faz, quantas concebe!

Deu-lhe Marte a bravura, Mercurio a astucia, Apollo o ardor e o engenho e a graça, Phebe a meiguice, a intrepidez Poseidon, azas as pombas brancas, que tiravam a quadriga de Venus. Pallas as flexas, o carcaz Bellona. Só as Horas não foram ao berço novo; eis porque Amor as horas não conhece.

Juno, porém, que não fallara, disse, recebendo das mãos do deus Vulcano o presente que ao infante destinava:— A tua sombra, Amor! — e sobre o berço deixou cahir a dadiva do artifice.

Eil-o a correr os corações humanos. Penetra, e logo todo o ser exulta—nem dóe a cicatriz que as settas abrem, nem o pranto, que a dor d'alma nos tira, faz com que as settas amaldiçoemos.

Bemdito seja o amor que nos tortura!

Mas que resaibo deixa o amor nas almas!

Onde elle chega e pára a Sombra pára, elle irradia e a Sombra entenebrece, e o coração que o abriga satisfeito ha de abrigar a Sombra que o persegue. A setta aligeira que desfere o arco vai pelos ares, mas a Sombra segue-a... e a ferida de Amor mais dóe por isso.

Direis agora para que eu vos diga: Que Sombra é essa que não deixa Amor?

Daphnis olhava ingenuamente: e o velho, tomando o seu alforge e a fruta e o baculo:

— E' o Ciume, o Ciume, disse, o Ciume, a sombra do Amor que as almas entristece.

E foi-se, por entre os laranjas em flor, soprando a fruta como um deus silvestre.

Anselmo Ribas.



Já tive as orelhas em fogo, recebendo uma aspera reprehensão. Disseram-me que isto é uma folha rissonha, para cujas columnas não se deve trazer o clarão sangrento e o écho feroz das batalhas que se ferem lá fóra. Santo Deus! quando a *Cigarrá* me encarregou desta secção, não quiz com certeza que eu viesse para aqui desmanchar-me em versos lyricos. Não posso fazer politica como *Fantasio* faz chronica, passando pela semana como gato por brazas, especulando com as phrases, illudindo o leitor, e escolhendo dos assumptos justamente aquelles que menos lhe possam angariar uma sóva, ou, pelo menos, uma dessas sedutoras descomposturas que andam tão em moda pela imprensa...

Mais valeria então substituir esta secção por uma outra, de modas ou de *sport*. Comtudo, o publico exige politica. A opinião deste collaborador d'*A Cigarrá* é ardentemente reclamada pelas almas que se preocupam com o futuro da patria. Que hei de eu fazer? Sabei! esta columna é o chão em que Santo Estevam se estendeu para receber as pedradas do martyrio. Cantem-me embora as pedras sobre as costas! sou obrigado a sorrir, e a pedir mais pedras, achando-as, por amor do dever, mais leves e mais acariciadoras do que petalas de rosas.

×

O que ha de novo e de interessante é a questão da amnistia, que cahiu por um voto.

No Senado, teve ella apostolos de palavra de fogo, paladinos que não temeram as iras do Jacobinismo triumphante.

Mas, já não resta, em coração nenhum, um raio só de esperança. Já todo o mundo sabe que, se fôr novamente proposta, a amnistia será negada. Na camara, contam-se os raros votos que lhe seriam dados. E' uma questão vencida. Os exilados continuarão a soffrer, os revoltosos continuarão a bater-se, o cambio continuará a degradingolar, e nós continuaremos a... pensar em outra cousa. Que delicia de tempo!

×

Tanto fallaram em Sebastianismo, que o Sr. Andrade Figueira tomou a cousa a peito. Diz-se, (diz-se não sei com que fundamento), que S. Ex. vae fundar um jornal monarchista. Como empreza, a cousa vae ser estupendamente rendosa. O jornal vender-se-á ás dezenas de milheiros, porque o publico fluminense, avido de agitações politicas, já está cheirando na ideia uma formidavel campanha opposicionista,— e a opposição é o fraco deste, como de todos os povos.

Como propaganda, a cousa vae ser sem duvida um triumpho completo para a Republica. Todo o mundo vae ver o que é o ideal monarchista. E, se agora ha tanta gente que tem ou finge ter medo do espectro de papo de tucano, esse medo desaparecerá, quando os medrosos virem o papão sentado a uma mesa de pão, como qualquer de nós, empunhando

uma caneta commum, e ennegrecendo um réles e vulgarissimo papel almasso.

×

E, depois, que descanso para nós todos! Hoje, se não approvamos e defendemos calorosamente todas as violencias, somos sebastianistas, e apanhamos bordoadas de criar bicho.

Apparecendo uma folha monarchista, será ella a encarregada de receber o peso da colera jacobina; e descansaremos nós... Não é sem tempo, amigos! temos as costas chagadas e a alma atrapalhada. Só ha uma cousa que se não póde adquirir com o habito: é o amor da pancada. Não podemos mais!

Por isso, desta obscura columna peço de joelhos ao sr. Andrade Figueira que não demore o apparecimento do seu jornal. Venha esse orgão monarchista, pelo amor de Deus e da Republica! Todos os republicanos, estou certo, juntam as suas supplicas á minha, fazendo da minha voz o vehiculo das suas mais ardentes aspirações. Já estamos tão cançados de ser sebastianistas!...

L. F.



Novelli, o Grande, depois de minha ultima chronica, deu-nos a *Familia Pont Biquet*, que é uma fabrica de risadas, em que o seu poderoso talento encontra efeitos phenomenaes de arte alegre e a comedia *A Tia de Carlos*; o *Kean*, o velhissimo *Kean* que figura no repertorio de todos os actores, o cançadissimo *Kean* que o Rio de Janeiro já viu ser interpretado de varios modos e por varios artistas, desde Salvini até... até... não sei quem; e deu-nos Shakespeare, em duas peças extraordinarias: o *Mercador de Venesa* e a *Féa amansada* (*The taming of the shrew*). Dizer que o seu trabalho na interpretação d'essas duas peças do divino mestre é assombroso,—equivale a dizer uma banalidade. Além d'isso, o numero d'*A Cigarrá* está cheio; basta enviar d'aqui a Novelli um ardente *Bravo!*

⊙

Está cheio o numero, bem sei: mas não quero deixar de fazer uma pequenina réclame ao beneficio da actriz Balbina Maia, beneficio que se dá hoje no *Apollo* com o *Major*, a bella revista do Arthur.

⊙

Atè quinta-feira. Vou applaudir Novelli.





# A FÉRA AMANSADA

NÃO CONFUNDIR COM A DE SHAKESPEARE

